

## TERRITÓRIOS DO ENVELHECIMENTO NA OIKOS (1981-2021)

### AGING TERRITORIES AT OIKOS (1981-2021)

### TERRITORIOS DE ENVEJECIMIENTO EN OIKOS (1981-2021)

Beltrina Côrte<sup>1</sup>  
Simone Caldas Tavares Maфра<sup>2</sup>  
Adriana Carakoinas Pinto<sup>3</sup>

#### Resumo

Como o envelhecimento foi narrado na revista Oikos em 40 anos de existência? Esta foi a pergunta que norteou o trabalho que tem como estratégia de investigação a pesquisa documental. Estudamos os textos do periódico e o percorremos de seu lançamento, em 1981, até 2021. No trajeto encontramos 43 artigos que abordam a temática do envelhecimento e a velhice em si, a partir dos descritores mais comuns: "idoso", "envelhecimento" e "relações intergeracionais". O primeiro artigo aparece uma década depois, em 1994. Mas a partir de 2016 todas as edições têm pelo menos uma publicação sobre a temática, diversificando os assuntos, inicialmente de moradia e demografia, a políticas públicas e percepção dos idosos sobre essa etapa de sua existência, indicando as perspectivas em 40 anos de existência da Oikos. As palavras-chave dos artigos sedimentam os territórios do envelhecimento que compõem a revista.

**Palavras-chave:** Territórios. Envelhecimento. Idoso. Revista Oikos

#### Abstract

How's aging being portrayed at Oikos magazine through 40 years of its existence? That was the question that guided this paper using the documentary research as a strategy. We worked through the journal from its beginning, from 1981 until 2021. In our research, we found a total of 43 articles that addressed aging and the old age itself, from the most common keywords such as "elder", "aging", and "intergenerational relationship". The earliest article first appeared a decade after the beginning of the magazine, in 1994, but since 2016 all editions of the magazine had at least one paper about that topic, diversifying the matter, from housing to demography at the beginning of public politics, thus showing the perspectives worked over 40 years of Oikos' magazine existence. The keywords of the articles showed us the way of the territories of aging that composed Oikos magazine through 40 years.

**Keywords:** Territories. Aging. Elder. Oikos Magazine.

#### Resumen

¿Cómo se ha narrado el envejecimiento en la revista Oikos en sus 40 años de existencia? Esta fue la pregunta que orientó este trabajo, cuya estrategia de investigación es la documental. Revisamos la revista y la cubrimos desde su lanzamiento, en 1981 hasta 2021. En el camino, encontramos un total de 43 artículos que abordan el tema del envejecimiento y la vejez en sí, basados en los descriptores más comunes "anciano", "envejecimiento" y "relaciones intergeneracionales". El primer artículo aparece incluso una década después, en 1994. Pero a partir de 2016, todas las ediciones cuentan con al menos una publicación sobre este tema, diversificando los mismos, desde la vivienda y la demografía en sus inicios hasta las políticas públicas y la percepción de las personas mayores sobre esta etapa de su existencia, indicando así las perspectivas trabajadas a lo largo de los 40 años de

<sup>1</sup> Possui graduação em Jornalismo pela Unisantos (Santos/SP), fez Especialização, Mestrado em Planejamento e Administração do Desenvolvimento Regional, na Universidad de los Andes, Bogotá/Colômbia e Doutorado e o pos.doc em Ciências da Comunicação pela USP. Atualmente é professora assistente doutor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: [beltrina@pucsp.br](mailto:beltrina@pucsp.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2717-3262>

<sup>2</sup> Possui graduação em Economia Doméstica pela Universidade Federal de Viçosa, mestrado e doutorado em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina e pós-doutorado, no Sealy Center on Aging da University of Texas Medical Branch, Texas, Estados Unidos. Atualmente é Professora Titular da Universidade Federal de Viçosa. E-mail: [sctmafra@ufv.br](mailto:sctmafra@ufv.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2247-2327>

<sup>3</sup> Graduanda do curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: [adrianacarajoinas@gmail.com](mailto:adrianacarajoinas@gmail.com)

---

vida de la revista Oikos. Las palabras clave de los artículos encuestados allanan los territorios envejecidos que componen la revista Oikos en sus 40 años de existencia.

**Palabras clave:** Territorios. Envejecimiento. Anciano. Revista Oikos

## INTRODUÇÃO

Quem expressa melhor o envelhecimento como tema acadêmico? Uma das perguntas que orientaram a investigação ao percorrer os 40 anos da revista Oikos<sup>4</sup>. Constatou-se que, além do envelhecimento ser feminino, as mulheres, com frequência, mais os estudaram, a partir das próprias práticas, comprovando a feminização da velhice. Os homens são autores de 13 artigos, mas as mulheres marcam presença em praticamente todas as 43 publicações, exceto em um único artigo, publicado em 2021 por pessoa do sexo masculino, como autor. A maioria dos artigos tem mais de uma autora, o que aumenta o número de mulheres refletindo sobre o envelhecimento. As publicações são predominantemente de mulheres. Será o envelhecimento território feminino na Oikos?

Em relação ao local de formação acadêmica dos autores, principalmente de 1981 a 2010, as instituições acadêmicas do estado de Minas Gerais apresentam maior destaque, especialmente a Universidade Federal de Viçosa (UFV). Instituição que mais tem artigos publicados no periódico, por estar vinculada ao Departamento de Economia Doméstica, curso predominantemente frequentado por pessoas do sexo feminino. Ao pesquisar esse campo, verificou-se a endogenia acadêmica, expressa na produção bibliográfica sobre o envelhecimento. Berelson, em 1960, definia o termo resultante de uma prática de contratação das universidades dos próprios doutores. Permaneceriam na instituição em que estudaram, para trabalhar durante toda a carreira. Ainda segundo o autor, a endogenia acadêmica tende a ser característica das elites universitárias e surge durante as fases iniciais do desenvolvimento dos sistemas de ensino superior.

Os efeitos da prática, de acordo com alguns estudos, entre eles o de Horta (2013), são mais prejudiciais do que benéficos quando os sistemas de ensino superior estão amadurecidos. E promovem a inércia institucional, provincianismo e isolamento intelectual, embora Horta reconheça que as carreiras científicas e acadêmicas se transformaram nas seis últimas décadas. De acordo com Horta, Sato e Yonezawa (2011), a prática da endogenia acadêmica é inevitável nas fases iniciais do desenvolvimento dos sistemas de ensino superior, pois permite elaborar rapidamente a capacidade de ensino e pesquisa, além de promover

---

<sup>4</sup> Oikos: Revista Brasileira de Economia Doméstica. Assim foi criada, com o mesmo título até 2010, quando mudou para Oikos: Família e Sociedade em Debate. Neste artigo a denominaremos apenas revista Oikos.

estabilidade, melhoria de crenças compartilhadas e consolidação de agendas colaborativas. Ocorreu com o curso de Economia Doméstica da UFV, com viés social e interdisciplinar, cuja graduação foi criada em 1952, a terceira mais antiga daquela universidade. O objeto de estudo é a família, tema que se destaca no levantamento de dados das primeiras publicações, especialmente de 1994 a 2010. O Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica está vinculado ao Departamento de Economia Doméstica (DED) e ao Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCH) da UFV, reunindo cursos de Mestrado (implantado em 1982) e Doutorado (final de 2013), ampliando pesquisas nas áreas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Os dados revelam que vários autores desenvolveram estudos acadêmicos na instituição em que publicaram os resultados das pesquisas. O que não se sabe pelos dados identificados, pois tampouco é objeto deste estudo, é se foram contratados pela instituição após a titulação. Apesar de Braga e Venturini (2013) registrarem que a endogenia acadêmica é prejudicial à dinâmica de produção de conhecimento, como a disciplinaridade atualmente é encarada como problema, concordamos com Horta, Sato e Yonezawa (2013): a prática da endogenia é inevitável e até desejável no início do desenvolvimento de determinada área do saber. Ainda a respeito da filiação dos autores publicados na *Oikos*, destacam-se a Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG) e Barbacena. Em relação a universidades além do território mineiro, as instituições com publicações na revista se concentram principalmente na Região Sudeste (UFRRJ, USP, PUC-RIO) e da Região Nordeste (UFC E UFRPE). Por fim, na história da revista foi possível observar artigos em que pesquisadoras de universidades brasileiras dividiram a autoria com pesquisadoras de instituições internacionais, como a University of Texas Medical Branch at Galveston (UTMB) e a Universidade de Lisboa (ULISBOA).

A pergunta que agora nos persegue é: de quais territórios do envelhecimento tratam esses autores? Para responder, as publicações foram reunidas em territórios do envelhecimento pavimentados pelas palavras-chave observadas na nuvem que compõe os artigos desde o surgimento da revista. Deve-se lembrar que as edições de 1994 a 2010, publicações digitalizadas, estão em período histórico de diversas conquistas em relação a direitos e políticas públicas sobre o envelhecimento. Nas de 2011 a 2021 – as edições passaram a ser online e de acesso livre - se pressupõe que os direitos foram de maior conhecimento público.



dissertações e teses defendidas centram-se nas instituições da Região Sudeste, com os melhores indicadores sociais para essa população em renda, moradia, educação, emprego e aposentadoria. Ressaltaram as diferenças no processo de envelhecimento, considerando as demais regiões do país. E concluíram que as pesquisas em envelhecimento devem avançar, priorizando gaps apresentados no conhecimento, para subsidiar a estruturação de programas e políticas sociais compatíveis com o perfil de envelhecimento nas distintas regiões.

A partir do convite dos estudos que chamam a olhar os territórios do envelhecimento e das palavras-chave de todas as pesquisas, foram identificados dez territórios que serão estudados: demográfico; representações sociais; morar; barreiras arquitetônicas; conhecimento; família, gerações e cuidados; trabalho; rede de suporte; corpo na velhice; violência.

### **Território demográfico**

Inaugura o território o artigo *Envelhecimento da população: breve análise da microrregião de Viçosa, MG*, de Ribeiro, Modena, Fonseca e Tinôco (1996). Tratam comparativamente o envelhecimento demográfico na microrregião de Viçosa e no Município de Viçosa. Retratam o território nas décadas de 70, 80 e 90, comprovando o esvaziamento da população nas faixas etárias de 45 a 54 anos em 1990, na microrregião, em comparação com o município, cujas populações com menos de 20 anos são as menores, e as referentes às populações entre 20-54 anos são maiores. Os dados corroboram a revolução demográfica, um dos fenômenos mais marcantes das sociedades contemporâneas, e que abrange todo o planeta, com relevantes mudanças sociais.

A demografia está presente em outros artigos, que colocam Viçosa e sua demografia no epicentro de distintos estudos, como *O perfil do idoso na sua unidade doméstica - o caso Viçosa-MG*, de Santini e Tinôco (2001); *A caracterização do perfil socioeconômico e de saúde de idosos do Programa Municipal da Terceira Idade*, de Brito, Franceschini, Pereira e Santana da Silva (2006); e *Análise dos indicadores sociais sobre envelhecimento a partir dos dados do IBGE. Identificação das variáveis para tomadores de decisão reduzir o risco social para indivíduos em processo de envelhecimento: o caso dos idosos no Brasil*, de Mafra e Wong (2012). Narrativas científicas que caracterizaram a pessoa idosa de Viçosa quanto a aspectos sociais, econômicos, demográficos e de saúde, além da organização familiar e espaços que ocupa na unidade doméstica. Cenários que revelam a diferenciação da velhice provocada

pelos idosos entrevistados, discutindo cientificamente características que derivam de categorias estatísticas para categorias sociais. E não tratam da diversidade e heterogeneidade dos que envelhecem. Para alguns idosos, a velhice é estado de espírito, e grande parte não se sente velha. Há quem afirme que a doença está associada à velhice, contrariando as vivências de Seu José do Amaro. Segundo ele, está associada a desenvolvimento, colocando em pauta, entretanto, a idade como marcador da identidade.

Vaz de Melo, Ferreira e Teixeira (2014), em *Condições de vida dos idosos no Brasil: uma análise a partir da renda e nível de escolaridade*, ressaltam que o ritmo de crescimento da população idosa brasileira é sistemático e consistente, razão que se propõem a comparar as condições de vida de idosos residentes nas diferentes regiões em relação ao acesso a serviços básicos. O estudo indica que dos 19.882 idosos pesquisados, as mulheres foram a maioria, e a escolaridade de ambos os sexos ainda é baixa, concluindo que não há igualdade na distribuição de renda entre os idosos. Evidenciou o estudo que o aumento na renda e no nível de escolaridade significa maior acesso aos serviços básicos.

### **Território das representações sociais**

Émile Durkheim foi o primeiro a tratar o conceito de representação coletiva, mas Serge Moscovici (1978) desenvolveu a teoria das representações sociais na Psicologia Social, apresentando-a na década de 1950. Moscovici procurou compreender como a Psicanálise, ao sair dos grupos fechados e especializados a partir de sua divulgação pelos meios de comunicação, adquiriu nova significação para grupos populares. Os aspectos conceitual e epistemológico (como formas de explicação) permitem analisar os fenômenos complexos do senso comum e a eficácia das representações, entendendo-as como sistema de recepção de novas informações sociais. No percurso pelo território se constatou em alguns estudos o pensamento do indivíduo que se enraíza no social e um e outro sofrem mudanças. De acordo com Moscovici, representação social, associada às práticas culturais, trabalha com expressiva gama de elementos que envolvem teorias científicas, ideologias e experiências vivenciadas no cotidiano e assuntos ligados à Psicologia, à Psicanálise, à Comunicação e à Sociologia (ALEXANDRE, 2001). Teorias que fundamentam os diversos estudos encontrados neste percurso, como se observa a seguir, a partir de *A Representação do Processo Saúde/Doença por um Grupo de Idosos*, de Ribeiro, Silva, Fonseca e Oliveira e Silva (2000), que inaugura o território. Mas não mais preocupados com números, mas as representações do processo

saúde-doença e sua relação com estilo e qualidade de vida da população idosa, a partir da escuta de um grupo de idosos no Município de Viçosa (MG): a saúde é representada como oposto à doença, disposição para o trabalho ou fazer o que se deseja.

No território de fragilidades na velhice (CÔRTE e BRANDÃO, 2020), constata-se que o grupo se percebe consciente das próprias patologias, sem ser um problema, pois procura cuidado e controles periódicos. Ou seja, enxergam a saúde como um dos determinantes da qualidade de vida. No mergulho pelos territórios do envelhecimento, o estudo assinala que o processo saúde-doença ultrapassa a dimensão biologicista, orgânica, e que a abordagem epidemiológica apreende dos fenômenos apenas a região visível, concreta, tornando-se insuficiente. Urge, portanto, a contribuição das ciências sociais, que levam em conta valores, atitudes e crenças da população.

Ainda em relação à saúde, a pesquisa qualitativa *Estilos de vida e aspectos reprodutivos de mulheres que já completaram 50 anos de idade, em função do tipo de trabalho realizado - Viçosa/MG*, de Santos (2001), caracteriza e descreve aspectos do período reprodutivo, vida social, cultural e saúde de dois grupos de mulheres da cidade, a maioria com baixa escolaridade e renda: mulheres que permaneceram no âmbito doméstico e mulheres que exerceram o trabalho remunerado. A autora constata que, em relação à percepção do envelhecimento, a maioria das mulheres entrevistadas se considerava idosa a partir dos 60 anos. Fisicamente, para representar a velhice, a maioria definiu a etapa da vida por meio do aparecimento das doenças, sentimento de dependência e inutilidade, e não da menopausa - grande parte das mulheres não a considerava fator determinante da velhice nem se submetia a tratamento de reposição hormonal.

Doenças, dependência e inutilidade formam grande narrativa de desvalorização da velhice. A título de colaboração, a jornalista Elaine Tavares, em relato pessoal, compartilha a experiência de vivência de seu pai, com Doença de Alzheimer, a respeito de sua “inutilidade”:

Quando eu vejo o meu pai, aos 88 anos, na sua rotina diária de andanças pelo quintal, num ir e vir aparentemente sem sentido, não posso deixar de me comover. Sua inutilidade é um fato. Ele, que sempre foi arrimo da família, agora não faz mais nada por ninguém. Passa o dia vivendo sem qualquer preocupação. Não seria então a inutilidade um presente? Um momento de viver para si, só na fruição? Penso que sim. Quem disse que é preciso produzir o tempo todo? Quem disse que há que se cumprir um protocolo de utilidade para ser uma pessoa?

Joel Birman, em 1995, no texto “O futuro de todos nós”, constata que a velhice ocupou nos últimos dois séculos lugar negativado, inexistência social simbólica, pois os valores da modernidade se fundamentam sobre a capacidade de produção dos indivíduos e sociedades.

*Representações sociais sobre o envelhecer e os direitos sociais dos idosos. O caso do Programa Municipal da Terceira Idade, Viçosa – Minas Gerais*, de Sousa, Farias, Doula e Mafra (2016), é resultado de estudo que teve como objetivo analisar as representações sociais sobre o ser idoso, envelhecimento e velhice como processo, e direitos sociais da pessoa idosa e respectiva efetivação. Três tipos de representação social do envelhecimento foram identificados: positiva, de ganhos e desenvolvimento pessoal, ligada à panóplia de atividades que os idosos encontram no âmbito de um programa municipal de terceira idade; negativa, associada à perda de saúde e dependência, e a terceira, de conformação, em que o envelhecimento é contingência natural e inevitável. Dado significativo é a limitação dos idosos no conhecimento dos direitos, designadamente direitos de domínio público e dificuldades que enfrentam em sua efetivação.

Costa e Bifano percorrem o mesmo território em *Representações, subjetividade e uso de tecnologias domésticas por idosos* (2019), e assinalam como as representações sociais reverberam nos processos de subjetivação do uso de tecnologias domésticas por pessoas idosas residentes no Município de Viçosa. A representação dos idosos acerca do “ser idoso” é distante da realidade, pois os conceitos que possuem sobre o termo são carregados de estereótipos negativos. As autoras observaram que as representações surgem direta e indiretamente, definidas por sistemas e práticas compartilhadas socialmente, e concluem que a relação entre idosos e tecnologias domésticas aparece inserida em produção subjetiva, social e individual, possuindo valor central como os sujeitos se relacionam com os artefatos tecnológicos e percebem a si mesmos.

*O envelhecimento na percepção de sujeitos quinquagenários*, de Silva, Farias e Teixeira (2019), desvela as percepções sobre o envelhecimento sob a ótica de sujeitos envelhescentes, servidores técnicos e professores universitários de Minas Gerais. A autopercepção e a percepção do envelhecimento perpassam questões de gênero, socialmente construídas, e se refletem nas considerações dos entrevistados sobre corpo que envelhece, exposição do corpo velho, uso de roupas, adoção de cirurgias plásticas e saúde do sujeito que envelhece. Entender as diferentes representações sociais é relevante, pois estão cercadas de elementos que auxiliam a velhice saudável e satisfatória. Minó e Vaz de Mello, em *Representação da velhice*



(2021), fazem-no ao descrever os estereótipos relacionados à velhice, refletindo sobre os preconceitos que envolvem idosos, a fim de desconstruir a estigmatização. Constatam que no território das representações do envelhecimento a sociedade ainda prioriza a valorização da juventude. Mas deve haver espaço, em nossa cultura, à vivência da heterogeneidade, como o reconhecimento das necessidades decorrentes das alterações biopsicossociais da velhice para amenizar/eliminar preconceitos e negativismos.

Moratelli encerra o percurso na Oikos com *Velhice e telenovela: representações da velhice antes e durante a pandemia do covid-19 (2021)*, discutindo aspectos da narrativa áudioficcional sob o ponto de vista da representação em personagens idosos na pandemia do coronavírus e registro de elementos sociais e contemporâneos. Nessa trajetória, observa que em momento imediatamente anterior à pandemia, a novela “A Dona do Pedaço”, produção de 2019 da TV Globo, perpetua discursos de identidade a respeito dos velhos e das velhices. Ou seja, reafirma o papel que a mídia exerce na difusão e transformação das representações sociais, como Moscovici assinalava, pois se é bombardeado e envolvido por informações sobre o envelhecimento que tentam criar, mudar ou cristalizar atitudes ou opiniões. Afinal, de que maneira se comunica o processo de envelhecimento e qual o significado que a comunicação tem para o ser humano? Algumas respostas a Oikos já apresentou.

## Território do morar

Não se poderia deixar de assinalar e destacar o trabalho do pesquisador carioca Daniel Groisman (1999). Deseja entender a elaboração da representação social do velho a partir dos efeitos da institucionalização da velhice em asilos na virada do século XIX. Ele trata do Asilo São Luiz para a Velhice Desamparada, no Rio de Janeiro, e em seu texto recupera notícias de jornal publicadas sobre o asilo, captando o imaginário a partir da criação do novo lugar de morar para a velhice. Descreve o que uma jornalista narra em seu encontro com o asilo, no *Jornal do Brasil*, no final de 1908:

o visitante olha, repara, e tem uma impressão de tristeza, de algo que ao longe lhe anuncia qualquer coisa. A praia do Caju termina com uma elevação pronunciada. No cimo está edificado um vistoso e grande edifício. Olhando o mar, olhando a terra, olhando o cemitério, esta casa parece mais um castelo feudal, invocando recordações de distantes épocas. Dentro dela quem habita? Fui até sua entrada e perguntei: que casa é esta? O Asilo São Luiz, respondeu-me uma voz sumida (...) Não é no Asilo São Luiz que a velhice desamparada encontra a caridade? Sim, é aqui, disse a boa e delicada freira (...). É aqui que

noite e dia olhamos esses desventurados, estas desiludidas criaturas.  
(GROISMAN, 1999, p. 72)

Na ocasião (e que ainda perdura), acreditava-se que a velhice estava desamparada e que ali encontrava lugar de acolhida na benevolência da instituição de caridade. Groisman destaca outra notícia, publicada na Gazeta de Notícias (1912), afirmando que o asilo era “uma casa onde velhos de ambos os sexos encontravam o bem-estar e a tranquilidade, em vez da fome e do desprezo que a humanidade, em geral, inconscientemente reserva aos animais que não podem mais com a carga” (p. 75). Em 2001, Salomão introduz o tema na Oikos, talvez o mais frágil de todos os territórios quando o tema é o envelhecimento, pois trata do morar, uma das principais seguranças exigidas para um bom envelhecer. Em *Análise de Instituições Asilares: Condições de Funcionamento de Instituições na região metropolitana de Belo Horizonte*, a autora questiona como a mídia e estudiosos transmitem a ideia de que as instituições públicas brasileiras não abrigam as pessoas, mas as discriminam. Por isso, pesquisou no território, desejando saber as condições de funcionamento e atendimento dispensadas aos idosos asilados e baixa renda em instituições asilares conveniadas com a Prefeitura de Belo Horizonte. Salomão constatou que as instituições observadas, de modo geral, apresentam condições desfavoráveis de habitabilidade aos idosos. Ou seja, não tinham infraestrutura e nem atendimento a todas as exigências prescritas para o bem-estar físico. De acordo com Salomão, as evidências não confirmam o pressuposto da Política Nacional do Idoso, que tem como objetivo assegurar os direitos sociais dessa população. A autora conclui o estudo assinalando que a situação do idoso mantido em asilo ainda não lhe é favorável, pois não há ações governamentais concretas, pois os asilados continuam em situação de descaso.

As instituições asilares são locais mais antigos e sucessivamente replicados como alternativa de cuidado às pessoas idosas, dependentes ou não, carregadas de estereótipos depreciativos que projetam a crença de que os idosos institucionalizados vivem expostos ao desamparo, isolamento e despersonalização (CHRISTOPHE; CAMARANO, 2010; LEMOS; MEDEIROS, 2017). Para afastar a cristalizada imagem estigmatizadora, passaram a ser nomeadas oficialmente Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs), definidas em sentido positivo pela ANVISA (2005): “são instituições governamentais ou não governamentais, de caráter residencial, destinadas a domicílio coletivo de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, com ou sem suporte familiar, em condição de liberdade, dignidade e cidadania”.

O envelhecimento é então concebido em conformidade com padrões rigorosos de normatização. Cerqueira (2020, p. 127) ressalta:

Inquieta-nos e nos leva a pensar o quanto precisaríamos ir para além em nossas reflexões: predomina a visão biológica do envelhecer. A velhice passa a ser objeto de inúmeras práticas vinculadas ao discurso médico, desde o envelhecimento saudável até a qualidade de vida e a terceira idade. O ilógico corpo que envelhece remete à compreensão de que, a despeito de todas as molduras sociais, envelhecer pode se tornar um processo transgressor, ao desafiar os padrões estéticos, as modelagens políticas e culturais. O ilógico, inesperado, insurgente, pode ser um elemento afirmativo e sensível à vida de quem envelhece.

Em 2011, além de definições mais adequadas sobre os espaços de morar e instituídas normas gerais para a administração, funcionamento, delimitações físicas e recursos humanos, Souza, Teixeira, Mafra e Tinôco decidem pelo mesmo percurso em *Qualidade de vida de idosos residentes em uma instituição de longa permanência*. Avaliam a qualidade de vida de idosos residentes em uma ILPI em Minas Gerais, verificando possíveis fatores intervenientes, como capacidade física, autonomia, ambiente físico e intimidade. Constataram que os idosos não apresentavam baixa qualidade de vida, mas destacaram o investimento em ações que objetivavam melhorar distintos aspectos do idoso institucionalizado, considerando diferenças no modo de vida, personalidade, privacidade, hábitos, autonomia, espaço e fatores que os idosos realmente valorizam. Concluem o estudo indicando que as ILPIs deveriam possibilitar um cotidiano de respeito e dignidade.

Ainda em 2011, Teixeira, Mafra e Tinôco em *Rastreamento cognitivo de idosos institucionalizados em instituições de longa permanência para idosos*, caracterizam o estado mental de idosos ali residentes, verificando se existiria correlação entre as variáveis idade e nível educacional. Constataram que o baixo nível educacional e o longo tempo de residência eram fatores que tenderiam a favorecer o desenvolvimento de doenças que acometem o estado mental do idoso. Em 2018, Fabrício, Saraiva e Feitosa analisaram o contexto econômico, social, político e cultural das políticas voltadas à pessoa idosa, principalmente no que dizia respeito às ILPIs. O resultado encontra-se no estudo *Contexto sócio-histórico em que surgem e evoluem as políticas de proteção à pessoa idosa no Brasil: da caridade ao direito à ILPI*. Percorreram o território desde o Brasil Colônia. As autoras destacaram aspectos centrais e contradições que determinam o fenômeno em cada época, enfatizando a importância de se aprofundar (sociedade e Estado) a discussão da institucionalização da vida na velhice. Verificaram que, apesar do avanço na legislação que institui o direito à pessoa idosa à qualidade nas instituições de moradia, as condições básicas dessas instituições não atendiam às exigências mínimas legais, especialmente os idosos com maior vulnerabilidade social.

O contexto se agravou na pandemia, provocando a criação da *Frente Nacional de Fortalecimento às ILPI (FN-ILPI)*<sup>5</sup>, inicialmente formada em torno dos temas emergenciais relativos ao enfrentamento do covid-19 nas ILPIs. Espaços democráticos de estudos, pesquisas, planejamento, articulações e fomento, instituídas com as finalidades de: a) Estimular ações de apoio às Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs), de qualquer natureza - privadas sem fins lucrativos; privadas com fins lucrativos e públicas; empreender e propor ao poder público e à Sociedade Civil Organizada ações coordenadas para o aperfeiçoamento das Políticas Públicas de Cuidados de Longa Duração à Pessoa Idosa. A FN-ILPI lançou em 2020 relatório<sup>6</sup> com 13 eixos. Registram o cuidado desse tipo de moradia mais voltado à normatização que rege uma ILPI, dado o contexto da pandemia: diagnóstico situacional; contato com familiares; cuidados integrais; prevenção de contágio; detecção precoce de casos; isolamento de sintomáticos; internação hospitalar; orientação em caso de óbito; síntese das boas práticas em ILPIs; envolvimento da comunidade institucional na redução da disseminação do covid-19 em ILPIs; questões jurídicas de interesse; financiamento; glossário.

Para encerrar a narrativa sobre o percurso do território do morar, Miguel, Mafra e Fontes em *O morar contemporâneo do idoso mineiro* (2017), partiram da premissa de que o Brasil se encontra no cenário do envelhecimento mundial. A habitação era fator fundamental no bem-estar do indivíduo. Apresentaram o perfil dos idosos no estado de Minas Gerais, especialmente a habitação e suas características físicas. Ou seja, a partir da PNAD 2013 (IBGE) identificaram quem é o idoso, onde e como mora, verificando que a população idosa mineira, em sua maioria, está na área urbana, em casas de alvenaria, servidas de saneamento básico e eletrodomésticos, como fogão e geladeira. Embora não indiquem, mas a partir do contexto em que vivemos - pobres cada vez mais pobres e classe média cada vez mais empobrecida, vislumbra-se demanda cada vez maior por moradias coletivas possíveis de se morar.

## Território de barreiras arquitetônicas

Em 2002, Ferreira, Guimarães, Silva e Loreto adentram o território das barreiras arquitetônicas das residências, identificando possíveis ajustes habitacionais essenciais ou realizados, considerando-se aspectos demográficos, socioeconômicos e epidemiológicos. O

<sup>5</sup> <https://www.frentenacionalilpi.com.br/>

<sup>6</sup> Ver em <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/comissao-de-defesa-dos-direitos-da-pessoa-idosa-cidoso/publicacoes/relatorio-tecnico-sobre-enfrentamento-do-covid-19-em-ilpis>

estudo resultou no artigo *Identificação de barreiras arquitetônicas no espaço vivenciado casa - uma percepção do segmento idosos, Viçosa-MG*. Entre as barreiras arquitetônicas mais comuns, o maior problema foi o piso, escorregadio e/ou apresentar desnível. No banheiro foram citadas a altura inadequada do vaso sanitário e dificuldade no manuseio das torneiras, igualmente constatado na cozinha. Além da posição inadequada do fogão e da altura da pia. No quarto, os interruptores situados distantes da cabeceira da cama e a altura inadequada da cama foram as principais barreiras. Na sala, janelas e maçanetas, de difícil manuseio, foram registradas. A área externa da residência apresentou o maior índice percentual de barreiras arquitetônicas, em razão das escadas. Quase a metade dos idosos entrevistados fez reformas, as mais comuns a troca de piso e a pintura nas paredes. Por fim, as autoras observaram que as barreiras arquitetônicas em todos os cômodos analisados e os ajustes não foram concebidos para melhor atender às necessidades dos idosos, mas por questão estética, visando à manutenção das residências.

Cunha e Mafra, em *Elaboração de uma metodologia para avaliação da funcionalidade em cozinhas para pessoas da Terceira Idade* (2003), verificaram, na residência das pessoas idosas, o espaço cozinha na elaboração da lista de checagem de eficiência de projetos de cozinha, a fim de definir critérios de funcionalidade para atender às exigências diárias. As autoras definiram que o fato de a tecnologia não atender às carências individuais a faz ser considerada causa de desconforto, apreensão e perda de identidade. Concluíram que o triângulo de trabalho deveria ser estruturado em função da forma como os indivíduos usam o espaço de trabalho, reforçando que cada ambiente deve ter leiaute distinto, segundo as diferenças individuais.

## **Território do conhecimento**

O direito à educação apresenta-se importante instrumento na cidadania e promoção da dignidade da pessoa, razão pela qual estudos publicados na Oikos investigaram a relevância do acesso à educação formal e informal para a cidadania do idoso brasileiro. Foram-lhes assegurados, pela Constituição e leis especiais, os direitos essenciais a uma vida digna e à participação social cidadã. A Política Nacional do Idoso (Brasil, 1994) estabelece que o processo de envelhecimento deve ser objeto de conhecimento e informação. Portanto, o território do conhecimento é um dos pilares do envelhecimento, pois estimula o acesso à informação e à aprendizagem. Quanto maior o acesso à informação, mais as pessoas se

capacitarão a defender os direitos e garantir condições favoráveis de existência. Contribuirão para a sociedade avançar e assegurar os direitos essenciais - vida, liberdade e dignidade.

Rodrigues (2012), em *Direito à informação: garantia dos consumidores idosos contra as campanhas publicitárias abusivas e enganosas*, inaugura o território, ao buscar o significado do direito fundamental à informação e correlato dever de se informar em uma sociedade de consumo, sobretudo diante da indústria publicitária, voltada para criar e intensificar “necessidades”. O documento da Organização Mundial da Saúde (WHO, 2005), que orienta os países quanto ao Envelhecimento Ativo, se baseia em três pilares fundamentais: saúde, participação e segurança. A edição posterior elaborada no marco da Organização das Nações Unidas acrescentou o conhecimento, estimulando o acesso à informação e destacando a relevância do aprendizado. Reafirma que quanto mais cedo se começar a otimizar oportunidades, maior a chance de desfrutar uma velhice com qualidade de vida.

Em 2001, Silva registrava em *Uma análise da hipótese do ciclo da vida da função consumo no Brasil 1966-95*, como os recursos renda e riqueza tendem a variar com idade e ciclo de vida das famílias, levando em consideração a mudança de estrutura etária da população, especialmente pelo envelhecimento. A autora verificou a relação entre a variável dependente consumo e as variáveis explicativas idade e expectativa de vida, confirmando a relevância da renda na explicação do comportamento do consumo, pela hipótese Keynesiana. No entanto, revela que a variável explicativa riqueza, inserida na função consumo, aparece ainda com efeito significativo, contribuindo para melhor especificação dessa função, ao constatar a correlação relativamente alta entre as variáveis consumo e idade e consumo e expectativa de vida.

Em 2020, Teixeira, Soares de Jesus e Farias (2020), na *Cobertura jornalística sobre violência e a pessoa idosa: o caso do Cidade Alerta*, percorrem chamadas, temas e discursos veiculados pelo programa. Detectam situações nas quais o idoso aparece como vítima ou agressor, revelando intersecções com os temas de gênero e classe social. As autoras concluíram que o *Cidade Alerta*, como programa sensacionalista, com programação voltada principalmente à cobertura da violência, contribui para a solidificação da representação da velhice como problema, incapacidade, fragilidade, doença e peso social. E essa visão negativa justifica a eliminação do idoso e fomenta as práticas violentas contra a pessoa idosa, sobretudo quando mulheres.

“Mãos que criam” e a promoção da qualidade de vida de idosos por meio de atividades artesanais, de Teixeira e Valente Carlos (2017), aborda o território do conhecimento a partir do

âmbito educacional, mais especificamente as Universidades Abertas à Terceira Idade (UNATI). Elas favorecem a efetivação de recursos auxiliares, procurando suprir a escassez de projetos sociais e educacionais. As autoras identificaram que entre as atividades oferecidas por esses grupos de apoio destacam-se fazer manual e artesanato. Analisaram a atividade artesanal exercida em um grupo de idosos da Universidade Rural Aberta à Terceira Idade, concluindo que a atividade produz reflexos positivos na qualidade de vida. Rodrigues, Mafra e Pereira (2018), em *O Direito da pessoa idosa à educação formal no Brasil: um caminho para o exercício da cidadania*, encontraram sujeitos negligenciados, que não se fazem presentes na pauta das políticas educacionais. É imprescindível se pensar o idoso como detentor do direito à educação e formular políticas públicas de acesso e permanência para assegurar seu exercício.

Ribeiro da Conceição e Bifano (2019), em *Geração veterano ou tradicional e geração baby boomers: refletindo sobre a relação entre o envelhecimento e as tecnologias digitais*, ao investigar os aspectos que contribuem e/ou inibem a tendência de uso das tecnologias digitais na vida da pessoa idosa do município de Viçosa, constataram que o primeiro contato dos idosos com esse tipo de conhecimento se deu quando estavam em idade adulta. Segundo as autoras, as pessoas idosas, apesar de ter mais dificuldades em acessar as tecnologias digitais em relação aos mais jovens, reconhecem os benefícios da inserção das tecnologias em seu cotidiano. Perceberam, no entanto, enorme “fosso digital” entre mais jovens e idosos, pois a idade é fator de grande relevância quanto ao uso dessas tecnologias. E concluem afirmando que saber usar as tecnologias contribuiria para a melhoria na autonomia e bem-estar das pessoas idosas.

### **Território da família, gerações e cuidado**

Leal, Silva, Loreto e Teixeira (2007), em *Importância das transferências e trocas com idosos no contexto familiar e social - Teixeiras-MG*, analisam a participação e o significado das transferências promovidas pelo idoso do Município de Teixeiras às famílias, procurando examinar a percepção no contexto familiar e social. Além do retorno material e subjetivo ao idoso vindo dos beneficiados. A análise das transferências constituiu significativo subsídio para justificar a iminente necessidade de se conduzir novas políticas e programas sociais inerentes ao público, pois mais de 80% da população-alvo ajudam, com dinheiro e outros serviços (domésticos e assistência), aos familiares. As autoras constataram, entretanto, que mais da metade dos idosos entrevistados nunca recebe ajuda material de quem beneficia. Elas

concluem que, por meio das transferências em dinheiro e prestação de serviços, ocorre inversão dos papéis sociais. É premente refletir a longevidade da população brasileira, em programas e planejamento sociais voltados a esse contingente populacional.

Dias, Teixeira, Loreto e Mafra (2007), em *Reflexão dos idosos e de seus familiares acerca do relacionamento intergeracional antes e depois da institucionalização asilar*, comparam a percepção da família e do idoso quanto aos aspectos associados à institucionalização asilar dos idosos atendidos no “Lar dos Velhinhos”, em Viçosa. As autoras observaram que os fatores que levaram à institucionalização asilar estavam relacionados a problemas de saúde, conflitos familiares e vontade própria. De acordo com a percepção familiar, a institucionalização não é vista como abandono, mas necessidade e cuidado, motivada pelo desejo de as famílias apoiar os idosos por meio de atendimento profissional. O artigo intitulado *Famílias e envelhecimento: um ensaio teórico com base na perspectiva histórica*, de Ferreira (2017), analisa as relações entre família e envelhecimento e impactos das mesmas nas relações intergeracionais, por meio da abordagem da perspectiva histórica das famílias.

Como as famílias, hoje diminuídas, e com mais pessoas longevas, poderão cuidar dos entes queridos, pois no Brasil a família desempenha tarefa fundamental como provedora de cuidados informais aos idosos dependentes, e o acesso a serviços formais de cuidados é limitado? O tema levou Santos e Loreto (2007), em *Significado do cuidado do idoso pela família: um sentimento familiar altruísta ou de ajuda recíproca?*, a examinar o que representa o cuidado pela família ao idoso. E quais as principais mudanças ocorridas no cotidiano familiar diante do atendimento na cidade de Viçosa, a partir do método de história de vida. As autoras identificaram o processo decisório dos membros familiares em relação à quantidade e qualidade dos recursos materiais e humanos, demanda e eventos inesperados. Verificaram que os motivos que levam a família a optar por cuidar em casa de um familiar idoso não variam significativamente: laços afetivos e o idoso estar inter-relacionado ao de reciprocidade, considerando-se que as unidades familiares não possuem condições financeiras adequadas para esse cuidado. É essencial, em alguns momentos, recorrer à contribuição dos próprios idosos para suprir necessidades. Assinalam as autoras, o cuidado ao idoso na unidade familiar seria considerada forma de troca, baseada em normas de cooperação, afeição e senso de responsabilidade.

Rocha e Turra (2016), em *Idosos com dependência no Brasil: estimativa de custo com política pública para o financiamento de cuidador*, estudaram demandas de idosos com



dependência funcional, particularmente cuidados de longa duração. Cuidados que englobam serviços de cuidadores que auxiliam nas atividades da vida diária. Para isso estimaram, por simulação, os custos de eventual execução de cobertura pública de benefícios em dinheiro, no valor de 1,5 salário mínimo, ao financiamento de cuidadores formais. Constataram na simulação que uma política pública universal de oferta de benefício em dinheiro, para o acesso dos idosos a serviços de cuidadores formais, mostrou que os fluxos de despesas anuais médias do Estado com o pagamento desses benefícios, para o total de homens e mulheres dependentes, evoluiriam de 0,8% do PIB, em 2014, para 1,3% do PIB em 2033.

### Território do trabalho

Valente Carlos, Mafra, Loreto, Minete, Tinôco e Silva (2009), no artigo *Análise das condições de trabalho em lavanderias de Belo Horizonte/MG e suas implicações no envelhecimento funcional precoce dos funcionários*, observaram que são resistentes à prática de atividades físicas e usam álcool e tabaco, evidenciando maus hábitos de vida. O absenteísmo é impulsionado pelas doenças respiratórias e distúrbios musculoesqueléticos. Observaram que nas lavanderias o ruído e temperatura são elevados, e os funcionários vivenciam riscos químicos e ergonômicos, acarretando doenças e fadiga. Os autores concluíram que esses fatores evidenciados em ambiente laboral contribuem para o processo de envelhecimento funcional. Ocasionalmente desgastam fisicamente e estressam e oferecem risco de envelhecimento funcional precoce.

Salgado, Mafra, Doimo e Loreto (2011), em a *Percepção da capacidade para o trabalho e incidência de dores versus envelhecimento funcional precoce de auxiliares de agropecuária da Universidade Federal de Viçosa – MG*, analisam a percepção da capacidade para o trabalho e a incidência de dores dos profissionais que auxiliam o setor agropecuário da UFV. Identificaram boa capacidade para o trabalho, absenteísmo; boa apreciação das atividades diárias, mas algum tipo de doença diagnosticada ou não pelo médico. A maior incidência de dor ocorreu nas regiões da coluna e lombar. As autoras acreditam que, ao tratar do universo do trabalho, os trabalhadores tenderam a afirmar bom estado de saúde, fato que lhes garantiria algum status de longevidade produtiva na sociedade.

*Por que continuar trabalhando na velhice? O caso de Hefesto e seus 95 anos.* Zanuncio, Mafra, França e Ferreira (2019) respondem, a partir da história de vida laboral de uma pessoa idosa de 95 anos, que ainda se encontra ativa no mercado de trabalho formal, desenvolvendo a

mesma atividade, pelas instituições de ensino que passou, públicas ou privadas. As autoras ressaltam que histórias como de Hefesto deixarão de ser exceção, sendo mais frequentes, devido à permanência no mercado de trabalho por um período mais longo. Mas mostram a necessidade de se refletir acerca da valorização da pessoa idosa no meio social, desafio que requer respostas urgentes, pois os fatores que as motivam a permanecer no trabalho se relacionam, principalmente, à manutenção da vida e saúde mental, social e econômica. As pessoas idosas recebem reconhecimento no ambiente profissional e familiar, como a valorização da sociedade. Sentem-se inseridas no contexto social, úteis e capazes, superando o estigma de que a velhice é a etapa da vida relacionada ao processo de finitude e inutilidade.

Oliveira, Mafra, Batista e Peluzio (2019), em *Qualidade de vida e envelhecimento bem-sucedido nas relações de trabalho a partir de uma análise fílmica*, analisam o filme “A Juventude”, verificando como fatores e situações que permeiam o envelhecimento interferem positiva e/ou negativamente na qualidade de vida e envelhecimento bem-sucedido. As autoras identificaram que a qualidade de vida dos personagens idosos no filme estaria diretamente relacionada à categoria trabalho. Concluem que os conceitos de qualidade de vida e envelhecimento bem-sucedido são subjetivos, pois advêm do modo como cada personagem vivenciou o processo de envelhecimento e experiências de vida.

### **Território da rede de suporte**

*Uma investigação sobre as motivações às ajudas entre idosos e seus familiares e amigos em São Paulo*, de Corrêa, Queiroz e Fazito (2011), assinala inicialmente que a literatura lista três teorias principais para explicar as relações de ajuda observadas nas redes sociais: Altruísmo, Troca e Reciprocidade, modelos que ajudam a explicar o suporte social. Os autores buscaram evidências sobre as relações de ajuda a partir de dados da SABE 2000, para relações de troca entre idosos e sua rede social, em São Paulo, admitindo que todas as possibilidades de expressão das relações de ajuda são válidas. O estudo contribuiu para a discussão internacional acerca das transferências intergeracionais, em especial o cuidado e tempo dedicados aos idosos, e ajudaram a esclarecer os padrões brasileiros de transferência, contribuindo para diminuir potenciais efeitos adversos nas políticas públicas.

Kunst e Santiago (2016), em *A ausência de idosos em Grupos de Convivência: onde eles estão?*, registra que nesses espaços é possível encontrar atividades culturais, de lazer, assistência médica, fisioterapia, nutrição, entre outras, e que as pessoas idosas estão

redescobrimo valores, libertando desejos, em virtude das experiências acumuladas. O aumento do número de pessoas mais amadurecidas em parques, caminhadas pelos bairros e nas academias de ginástica demonstra como está mais ativo. Por isso exige espaços de cultura e lazer. Farias e Schmid (2015), no artigo *Dáviva e sociabilidade na velhice: o caso de dois casais de idosos camponeses*, refletem sobre o significado da dádiva na velhice para preservar relações sociais. Para isso, estudaram, no universo das famílias de dois casais de idosos, residentes em localidades bastante diferenciadas, mas que desenvolvem práticas semelhantes para manter relações de sociabilidade com família e amigos. E com a própria existência, a partir da fabricação artesanal de derivados do leite e demais produtos agropecuários. O modo de vida comprova que os alimentos produzidos, além de sustentar o corpo físico e biológico, nutrem o corpo social. E constataram que a tríplice obrigação de dar, receber e retribuir, contribui para os idosos continuarem ativos no trabalho, se sentirem úteis e manterem a sociabilidade com familiares e amigos.

### **Território do corpo na velhice**

*Compreensão Social do Envelhecimento e Velhice: análise semiolinguística de um dispositivo técnico*, de Iria Luiz, Loreto, Ferreira e Mafra (2018), analisa a compreensão social do envelhecimento e velhice apresentada em dispositivo técnico, trazendo à tona o imaginário sobre o idoso definido no discurso, argumentos utilizados para retratar essa etapa da vida e técnicas argumentativas para convencer a leitora e o leitor, por meio da análise semiolinguística do discurso. A partir de seu estudo, o idoso é cidadão de direitos, cujas exigências variam conforme as condições socioeconômicas, culturais, familiares e de saúde. O Estatuto do Idoso apresenta avanços sobre como o idoso deve ser tratado na sociedade, além de contradições, ao propor medidas que gerariam conflitos intergeracionais. O artigo permitiu melhor reflexão sobre políticas públicas e como pensar o idoso na sociedade contemporânea.

*Silhuetas e corpos na maturidade: como vesti-los?*, de Melo e Rocha (2011), discute a variação do corpo feminino tomando por base as mensurações corporais obtidas com amostra de 25 consumidoras maduras, com idade igual ou superior a 50 anos. As autoras consideraram as variações do corpo humano, sexo, idade, processo de envelhecimento e preferências de consumo de produtos de moda-vestuário. Destacaram a dificuldade em enquadrar as mulheres no padrão de tamanhos existentes no mercado, percebendo que a segmentação atual ainda é inconsistente no atendimento das necessidades do crescente grupo de consumidoras maduras.

Silva e Farias (2017), em *Corpos envelhecidos e preconceitos etários e de gênero no filme 'As garotas do calendário'*, refletem sobre corpo envelhecido, preconceitos etários e de gênero, além de formas de se vencer os preconceitos. Reconhecem que apesar das conquistas advindas do movimento feminista, se vive em uma sociedade preconceituosa em relação ao feminino, principalmente quando se trata do corpo envelhecido, por não corresponder ao modelo hegemônico de beleza calcado na juventude. Baseado em fatos reais, o filme *As Garotas do Calendário* mostra que é possível vencer os preconceitos ainda vigentes acerca da mulher e do envelhecimento.

### **Território da violência**

*Agressão física contra a pessoa idosa: a persistência da questão de gênero na velhice*, de Guerra e Teixeira (2018), desmitifica a visão de fragilidade dos idosos sob a perspectiva de vitimização por agressão física, evidenciando a persistência do tema gênero na velhice. As autoras traçaram o perfil da vitimização e busca por justiça da população em análise comparativa entre idosos e não idosos, por sexo, e avaliaram as chances de esses indivíduos se tornarem vítimas de agressão física. Verificaram que apesar de a população idosa não ser a maior vítima de agressão física no Brasil, guarda características semelhantes aos não idosos quanto ao local onde o crime ocorre, ao agressor e à busca por justiça, quando há análise por sexo. O que denota, claramente, que a população idosa deveria ser incluída em políticas de gênero quando se trata de vitimização.

### **CONSIDERAÇÕES**

Os dez territórios do envelhecimento percorridos em 43 artigos publicados na Oikos, a partir da sinalização das palavras-chave elencadas, mostram fragilidades dessa etapa da existência humana. Iniciar a trajetória pela cartografia foi essencial, pois a partir dela se deu conta que a população brasileira envelhece vertiginosamente, especialmente em Minas Gerais, cenário da maioria das pesquisas. A abordagem na cartografia foi extremamente significativa, pois se percebeu como o envelhecimento ainda está representado no imaginário da população, ao se percorrer o território das representações sociais, no qual ainda se constata a negação da velhice. Negação igualmente expressa no modo de morar, especificamente nas denominadas ILPIs. Indicou-se a urgência de se refletir ainda mais sobre os contornos da resolução

normativa dessas instituições, diante das singularidades nos espaços coletivos de morar na velhice mais fragilizada. De instituições asilares às ILPIs, os espaços continuam rejeitados e relegados às velhices desamparadas, obrigando a refletir sobre o confronto entre o sistema séptico sanitário em sua proposição dogmática e a manifestação de sentidos, de sujeitos, de subjetividades.

Outra reflexão essencial se volta ao território das barreiras arquitetônicas, centradas nas residências, com riscos e funcionalidades. Pensar as ambiências da casa e locais públicos, além das barreiras arquitetônicas, é desafio imposto aos próximos pesquisadores. O conhecimento apresentou-se como primeiro pilar do envelhecimento ativo, pois a partir dele se estimulou o acesso à informação e se destacou a relevância do aprendizado, formal ou informal. Percorrer o território possibilitou maior chance de desfrutar um melhor envelhecer. O território da família, gerações e cuidados, já se esperava, abordou temas como renda, transferências, relações entre diferentes gerações e cuidado dos entes queridos, função que exerce, apesar dos novos arranjos familiares, desafio que o percurso deixa para a geração seguinte de pesquisadores da Oikos.

O território do trabalho perpassa as condições em ambiente laboral que contribuem para o desgaste físico e estresse, oferecendo risco de envelhecimento funcional precoce aos envolvidos, além da pergunta: até quando trabalhar quando a expectativa de vida só aumenta e se vive uma vida a cada dia mais prolongada? Território que deixa vários vestígios, que devem ser mais explorados, dado o significado na organização de nosso tempo e dignidade da velhice. O território está muito próximo da rede de suporte. No percurso constatou-se que todas as possibilidades de expressão das relações de ajuda são válidas, e a solidariedade intergeracional é essencial à sustentabilidade das velhices.

No trajeto pelo território do corpo na velhice verificou-se a relevância de a sociedade contemporânea ser mais inclusiva com os corpos envelhecidos, especialmente os femininos, aos quais se acrescentam os corpos das velhices LGBTs. Além de a homofobia ameaçar o direito de envelhecer, por não corresponderem ao modelo hegemônico de beleza calcado na juventude, são rejeitados e excluídos, quando não anulados e violentados. Observou-se ao percorrer o território das violências, que anuncia como os idosos podem se tornar vítimas de agressão física dentro do próprio domicílio. Mas não apenas: as pessoas idosas são alvos fáceis de diversos tipos de violência, e devem ser objeto de estudo de outras pesquisas a fim de melhor sedimentar o território.

Foi realmente alentador percorrer os territórios de fragilidades do envelhecimento nos 40 anos da Oikos, identificando conhecimentos interdisciplinares e agregadores que indicam o quanto se avançou em relação a informações, ações e políticas. É um desafio, pois se percebeu como há de se continuar investindo na pesquisa e disseminação de saberes sobre o envelhecer, futuro de todas as pessoas. Destacaram-se os temas que apoiam o saber, como pesquisas interseccionais, especialmente gênero e raça, sobre as velhices.

## REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA (ANVISA). Diário Oficial da União. **Resolução da Diretoria Colegiada n.º 283, de 26 de setembro de 2005**. Disponível em: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2005/res0283\\_26\\_09\\_2005.html](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2005/res0283_26_09_2005.html). Acesso em 05/04/2019.
- ALEXANDRE, M. O papel da mídia na difusão das representações sociais. **Comum**, v. 6, n. 17, p. 111-125, 2001.
- BERELSON, B. **Graduate education in the United States**. New York: McGraw-Hill, 1960.
- BIRMAN, J. O Futuro de todos nós: temporalidade, memória e terceira idade na psicanálise. In Veras, R. (Org). **Terceira Idade: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.
- BRAGA, M. M. S; VENTURINI, A. E. J. F. Endogenia acadêmica em um programa de pós-graduação em direito. **Direito, educação, ensino e metodologia jurídicos. Florianópolis: FUNJAB**, p. 91-108, 2013.
- BRANDÃO, Vera; CÔRTE, Beltrina. A Cultura do Longevidar e a Curadoria do Saber. In. Barroso, A. S.; Hoyos, A.; Salmazo-Silva, H.; Fortunato, I. (org.). **Diálogos Interdisciplinares do Envelhecimento**. São Paulo: Edições Hipótese, 2019.
- BRASIL. Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994. Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8842.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8842.htm)>. Acesso em: 17 Ago 2021.
- CERQUEIRA, M. B. O ilógico corpo que envelhece: Das múltiplas respostas à passagem do tempo. **Revista Kairós-Gerontologia**, 23(2), 127-144, 2020. ISSNprint 1516-2567. ISSNe 2176-901X. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PUC-SP. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/50217>.
- CHRISTOPHE, M.; CAMARANO, A. A. **Dos asilos às instituições de longa permanência: Uma história de mitos e preconceitos. Cuidados de longa duração para a população idosa: Um novo risco social a ser assumido?** CAMARANO, A. A. (Org.). Rio de Janeiro: Ipea, 2010.

CÔRTE, B.; BRANDÃO, V. Territórios de Fragilidades: Envelhecimento e Políticas Públicas – um projeto de educação continuada. **Rev. Public Sciences & Polícies**. *Ciências e Políticas Públicas*, Portugal. vol.6, nº2, 2020.

CÔRTE, Beltrina; BRANDÃO, Vera. Longevidade Avançada - A reinvenção do tempo. *Revista Kairós - Gerontologia*, 21(1), 213-241, 2018. ISSNe 2176-901X. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP. doi: <http://dx.doi.org/10.23925/2176-901X.2018v21i1p213-241>

GROISMAN, D. Asilos de velhos: passado e presente. In: **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**. Vol.2 Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999.

HORTA, H. Deepening our understanding of academic inbreeding effects on research information exchange and scientific output: new insights for academic based research. *Higher Education*, v. 65, n. 4, p.487-510, Apr. 2013.

HORTA, H., SATO, M.; YONEZAWA, A. Academic inbreeding: Exploring its characteristics and rationale in Japanese universities using a qualitative perspective. *Asia Pacific Education Review*, 12, p.35–44, 2011.

LEMOS, N. D.; MEDEIROS, S. L. Suporte social ao idoso dependente. FREITAS, E. V.; PY, L. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Elizabete Viana Freitas, Ligia Py. (4ª ed.). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2017.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

TAVARES, E. **Ser velho e inútil**. Portal do Envelhecimento. Disponível em: <https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/ser-velho-e-inutil/>. Acesso em 15 agosto de 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Envelhecimento ativo – Uma política de saúde. Brasília, Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.

### Artigos Publicados de 1996 – 2010: revista Oikos

CARLOS, C.A.L.V.; MAÍRA, S.C.T; LORETO, M.D.L; MINETTE, L.J. TINOCO, A.L.; DA SILVA, V.. Análise das condições de trabalho em lavanderias de Belo Horizonte/MG e suas implicações no envelhecimento funcional precoce dos funcionários. *Oikos: Revista Brasileira de Economia Doméstica*, Viçosa, v. 20, ed. 2, p. 94-121, 2009.

DA CUNHA, E. F. ; MAFRA, S. C. T. Elaboração de uma Metodologia para Avaliação da Funcionalidade em Cozinhas para Pessoas da Terceira Idade. *Oikos: Revista Brasileira de Economia Doméstica*, Viçosa, v. 14, ed. 1, p. 83-104, 2003.

DA SILVA, M. M. Uma análise da Hipótese do Ciclo da Vida da função consumo no Brasil 1966-95. *Oikos: Revista Brasileira de Economia Doméstica*, [s. l.], v. 13, ed. 1, p. 68-70, 2001.

DIAS, I.G.; TEIXEIRA, K.M.D; DE LORETO, M. D. S; MAFRA, S.C.T.. Reflexão dos idosos e de seus familiares acerca do relacionamento intergeracional antes e depois da institucionalização asilar. *Oikos: Revista Brasileira de Economia Doméstica*, Viçosa, v. 18, ed. 3, p. 67-87, 2007

GOICOCHEA, A. R. ; DE OLIVEIRA, M. D. R. Mergulhando na Memória: História de uma Vida de quase um século. *Oikos: Revista Brasileira de Economia Doméstica*, Viçosa, v. 8, ed. 2, p. 108-115, 1996.

GUIMARÃES, E. M. V.; DA SILVA, N. M.; DE LORETO, M.D.S. Identificação de Barreiras Arquitetônicas no Espaço Vivenciado Casa - Uma Percepção do Segmento Idosos, Viçosa-MG. Oikos: Revista Brasileira de Economia Doméstica, Viçosa, v. 13, ed. 2, p. 85-98, 2002.

LEAL, S.M.R.A; DA SILVA, N.M.; DE LORETO, M.D. S.; TEIXEIRA, K.M.D; Importância das Transferências e Trocas com Idosos no Contexto Familiar e Social - Teixeira - MG.Oikos: Revista Brasileira de Economia Doméstica, [s. l.], v. 18, ed. 1, p. 156-177, 2007.

RIBEIRO, R. C. L; DA SILVA, N.M. ; FONSECA, S. C. C.; DE OLIVEIRA E SILVA, A. I. . Representação do Processo Saúde/Doença por um Grupo de Idosos. Oikos: Revista Brasileira de Economia Doméstica, Viçosa, v. 12, ed. 2, p. 55-66, 2000.

RIBEIRO, R. C. L. ; MODENA, C. M.; FONSECA, M.C. ; TINÔCO, A.L, . Envelhecimento da População: Breve análise da Microrregião de Viçosa, MG.Oikos: Revista Brasileira de Economia Doméstica, Viçosa, v. 9, ed. 2, p. 31-43, 1996.

SALOMÃO, M. V. N. F. C. Análise de Instituições Asilares: Condições de Funcionamento de Instituições na região metropolitana de Belo Horizonte.Oikos: Revista Brasileira de Economia Doméstica, Viçosa, v. 13, ed. 1, p. 108-110, 2001.

SANTINI, R. E. TINOCO, A. L. O perfil do idoso na sua Unidade Doméstica - o Caso Viçosa-MG. Oikos: Revista Brasileira de Economia Doméstica, Viçosa, v. 13, ed. 1, p. 77-79, 2001.DOS SANTOS, A.P.R.. Estilos de vida e Aspectos Reprodutivos de Mulheres que já completaram 50 anos de idade, em função do tipo de trabalho realizado. Oikos: Família e Sociedade em Debate, [s. l.], v. 13, ed. 1, p. 77-79, 2001.

SANTOS, J. A; DE LORETO, M.D.S. Significado do cuidado do idoso pela família: um sentimento familiar altruísta ou de ajuda recíproca? Oikos: Família e Sociedade em Debate, Viçosa, v. 18, ed. 3, p. 230-240, 2007.

TINÔCO, A. L.; SANT'ANNA, M.S.L; DE ABREU, W.C; BRITO, L, F. FRANCESCHINI, S.C.C; PEREIRA, C.A.S; DA SILVA, M.M.S. Caracterização do Perfil Socioeconômico e de Saúde de Idosos do Programa Municipal da Terceira Idade. Oikos: Revista Brasileira de Economia Doméstica, Viçosa, v. 17, ed. 1, p. 93-104, 2006.

### Artigos Publicados de 2011 – 2021: revista Oikos

AMATO RODRIGUES, P. M. Direito à informação: garantia dos consumidores idosos contra as campanhas publicitárias abusivas e enganosas. Oikos: Família e Sociedade em Debate, [S. l.], v. 23, n. 2, p. 128-141, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/oikos/article/view/3668>. Acesso em: 26 ago. 2021.

CONCEIÇÃO, L. R. da; BIFANO, A. C. S. Geração veterano ou tradicional e geração baby boomers: refletindo sobre a relação entre o envelhecimento e as tecnologias digitais. Oikos: Família e Sociedade em Debate, [S. l.], v. 30, n. 2, p. 322-342, 2019. DOI: 10.31423/oikos.v30i2.8820. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/oikos/article/view/8820>. Acesso em: 26 ago. 2021.

CORRÊA, C. S.; QUEIROZ, B. L.; FAZITO, D. Uma investigação sobre as motivações às ajudas entre idosos e seus familiares e amigos em São Paulo, 2000. Oikos: Família e Sociedade em Debate, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 64-83, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/oikos/article/view/3611>.

COSTA, E. O.; BIFANO, A. C. S. Representações, subjetividade e uso de tecnologias domésticas por idosos. Oikos: Família e Sociedade em Debate, [S. l.], v. 30, n. 1, p. 68-86, 2019. DOI:



10.31423/oikos.v30i1.8252. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/oikos/article/view/8252>. Acesso em: 26 ago. 2021.

FABRÍCIO, T. C. M.; SARAIVA, J. M.; FEITOSA, E. S. C. Contexto sócio histórico em que surgem e evoluem as políticas de proteção à pessoa idosa no Brasil: da caridade ao direito a ILPI. *Oikos: Família e Sociedade em Debate*, [S. l.], v. 29, n. 2, p. 259-277, 2018. DOI: 10.31423/oikos.v29i2.3809. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/oikos/article/view/3809>.

FARIAS, R. de C. P.; SCHMIDT, A. Dádiva e sociabilidade na velhice: o caso de dois casais de idosos camponeses. *Oikos: Família e Sociedade em Debate*, [S. l.], v. 26, n. 1, p. 123-142, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/oikos/article/view/3702>. Acesso em: 26 ago. 2021.

FERREIRA, M. C. Famílias e envelhecimento: um ensaio teórico com base na perspectiva histórica. *Oikos: Família e Sociedade em Debate*, [S. l.], v. 28, n. 1, p. 143-161, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/oikos/article/view/3746>

GUERRA, F. F.; TEIXEIRA, K. M. D. Agressão física contra a pessoa idosa: a persistência da questão de gênero na velhice. *Oikos: Família e Sociedade em Debate*, [S. l.], v. 29, n. 1, p. 42-54, 2018. DOI: 10.31423/2236-8493.v29i1.357.

IRIA LUIZ, K. K.; LORETO, M. das D. S. de; FERREIRA, M. A. M.; MAFRA, S. C. T. Compreensão Social do Envelhecimento e Velhice: análise semiolinguística de um dispositivo técnico. *Oikos: Família e Sociedade em Debate*, [S. l.], v. 29, n. 1, p. 55-77, 2018. DOI: 10.31423/2236-8493.v29i1.353. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/oikos/article/view/3772>. Acesso em: 26 ago. 2021.

KUNST, M. H.; DE FÁTIMA SANTIAGO, M. A ausência de idosos em Grupos de Convivência: onde eles estão?. *Oikos: Família e Sociedade em Debate*, [S. l.], v. 27, n. 1, p. 117-134, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/oikos/article/view/3715>.

MACÊDO DE SOUZA, I. da S.; TEIXEIRA, K. D.; TAVARES MAFRA, S. C.; ARAÚJO TINOCO, A. L. Qualidade de vida de idosos residentes em uma instituição de longa permanência. *Oikos: Família e Sociedade em Debate*, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 131-152, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/oikos/article/view/3609>

MAFRA, S. C. T.; WONG, R. Analysis of social indicators on aging database IBGE. Identification of variables for social policy makers in reducing the social risk for aging individuals: the case of the elderly in Brazil. *Oikos: Família e Sociedade em Debate*, [S. l.], v. 23, n. 1, p. 251-302, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/oikos/article/view/3635>. Acesso em: 26 ago. 2021.

MAFRA, S. C. T.; WONG, R. Profile of research on elderly people in Brazil. Considering such knowledge, how should social policies for elderly people be developed? A reflection based on CAPES database (1988-2009). *Oikos: Família e Sociedade em Debate*, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 286-313, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/oikos/article/view/3634>. Acesso em: 26 ago. 2021.

MELO, J. F. H. de; ROCHA, M. A. V. Silhuetas e corpos na maturidade: como vesti-los?. *Oikos: Família e Sociedade em Debate*, [S. l.], v. 22, n. 2, p. 40-66, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/oikos/article/view/3620>. Acesso em: 26 ago. 2021

MIGUEL, E. N.; MAFRA, S. C. T.; FONTES, M. B. O morar contemporâneo do idoso mineiro. *Oikos: Família e Sociedade em Debate*, [S. l.], v. 28, n. 1, p. 127-142, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/oikos/article/view/3734>

MINÓ, N. M. .; VAZ DE MELLO, R. M. A. Representação da velhice: reflexões sobre estereótipo, preconceito e estigmatização dos idosos. *Oikos: Família e Sociedade em Debate*, [S. l.], v. 32, n. 1, p. 273-298, 2021. DOI: 10.31423/oikos.v32i1.9889. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/oikos/article/view/9889>. Acesso em: 26 ago. 2021.

MORATELLI, V. Velhice e telenovela: representações da velhice antes e durante a pandemia do covid-19 : A discussion on the themes of old age in the context of the Covid-19 pandemic. *Oikos: Família e Sociedade em Debate*, [S. l.], v. 32, n. 1, p. 109-126, 2021. DOI: 10.31423/oikos.v32i1.10774. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/oikos/article/view/10774>. Acesso em: 26 ago. 2021.

OLIVEIRA, M. de P.; MAFRA, S. C. T.; BATISTA, R. L.; PELUZIO, Érica A. Qualidade de vida e envelhecimento bem-sucedido nas relações de trabalho a partir de uma análise fílmica. *Oikos: Família e Sociedade em Debate*, [S. l.], v. 30, n. 2, p. 304-321, 2019. DOI: 10.31423/oikos.v30i2.9389. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/oikos/article/view/9389>. Acesso em: 26 ago. 2021.

ROCHA, A. S.; TURRA, C. M. Idosos com dependência no Brasil: estimativa de custo com política pública para o financiamento de cuidador. *Oikos: Família e Sociedade em Debate*, [S. l.], v. 27, n. 2, p. 5-28, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/oikos/article/view/3763>. Acesso em: 26 ago. 2021.

RODRIGUES, P. M. A.; MAFRA, S. C. T.; PEREIRA, E. T. O Direito da pessoa idosa à educação formal no Brasil: um caminho para o exercício da cidadania. *Oikos: Família e Sociedade em Debate*, [S. l.], v. 29, n. 2, p. 187-209, 2018. DOI: 10.31423/oikos.v29i2.3801. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/oikos/article/view/3801>

SALGADO, S. M. L.; MAFRA, S. C. T.; DOIMO, L. A.; LORETO, M. das D. S. de. Percepção da capacidade para o trabalho e incidência de dores versus envelhecimento funcional precoce de auxiliares de agropecuária da Universidade Federal de Viçosa - MG. *Oikos: Família e Sociedade em Debate*, [S. l.], v. 22, n. 2, p. 108-130, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/oikos/article/view/3622>.

SILVA, A. de O.; FARIAS, R. de C. P.; TEIXEIRA, D. P. O envelhecimento na percepção de sujeitos quinquagenários. *Oikos: Família e Sociedade em Debate*, [S. l.], v. 30, n. 2, p. 284-303, 2019. DOI: 10.31423/oikos.v30i2.8215. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/oikos/article/view/8215>. Acesso em: 26 ago. 2021.

SILVA, A. O.; FARIAS, R. de C. P. Corpos envelhecidos e preconceitos etários e de gênero no filme *As garotas do calendário*. *Oikos: Família e Sociedade em Debate*, [S. l.], v. 28, n. 2, p. 265-281, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/oikos/article/view/3758>. Acesso em: 26 ago. 2021.

SOUSA, C. M. P. B. de; FARIAS, R. de C. P.; DOULA, S. M.; MAFRA, S. C. T. Representações sociais sobre o envelhecer e os direitos sociais dos idosos. O caso do Programa Municipal da Terceira Idade, Viçosa – Minas Gerais. *Oikos: Família e Sociedade em Debate*, [S. l.], v. 27, n. 1, p. 135-156, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/oikos/article/view/3721>

SOUZA, I. M.; DAMIANO TEIXEIRA, K. M.; TAVARES MAFRA, S. C.; TINÓCO, A. L. A. Rastreamento cognitivo de idosos institucionalizados em instituições de longa permanência para idosos. *Oikos: Família e Sociedade em Debate*, [S. l.], v. 22, n. 2, p. 3-18, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/oikos/article/view/3618>

TEIXEIRA, D. P.; LISBOA VALENTE CARLOS, C. A. “Mãos que criam” e a promoção da qualidade de vida de idosos por meio de atividades artesanais. *Oikos: Família e Sociedade em Debate*, [S. l.], v. 28, n. 1, p. 162-179, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/oikos/article/view/3741>

---

TEIXEIRA, D. P.; SOARES DE JESUS, R.; PEREIRA FARIAS, R. de C. Cobertura jornalística sobre violência e a pessoa idosa: o caso do Cidade Alerta. *Oikos: Família e Sociedade em Debate*, [S. l.], v. 31, n. 1, p. 143-163, 2020. DOI: 10.31423/oikos.v31i1.9794. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/oikos/article/view/9794>.

VAZ DE MELO, N. C.; FERREIRA, M. A. M.; TEIXEIRA, K. M. D. Condições de vida dos idosos no Brasil: uma análise a partir da renda e nível de escolaridade. *Oikos: Família e Sociedade em Debate*, [S. l.], v. 25, n. 1, p. 004-019, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/oikos/article/view/3687>

VENTURIM ZANUNCIO, S.; CALDAS TAVARES MAFRA, S.; DE FREITAS PINHO FRANÇA, L. H.; DA CUNHA MOURA FERREIRA, P. M. Por que continuar trabalhando na velhice? o caso de Hefesto e seus 95 anos. *Oikos: Família e Sociedade em Debate*, [S. l.], v. 30, n. 1, p. 104-127, 2019. DOI: 10.31423/oikos.v30i1.3813. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/oikos/article/view/3813>. Acesso em: 26 ago. 2021.